

**MEMÓRIAS E VOZES SILENCIADAS: LEITURAS SOBRE ESCRAVIZAÇÃO,
RACISMO E MARGINALIZAÇÃO EM *BECOS DA MEMÓRIA*, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

**MEMORIAS Y VOCES SILENCIADAS: LECTURAS SOBRE LA
ESCLAVITUD, EL RACISMO Y LA MARGINACIÓN EM *BECOS DA
MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Thaís Melo Gomes Ramalho¹

RESUMO

O artigo tem por finalidade a análise da memória no romance *Becos da Memória*, da escritora Conceição Evaristo, tendo como foco a memória como elemento constitutivo da narrativa negra apresentada pela escritora supracitada. A obra apresenta em seu enredo uma história narrada a partir de lembranças que intercalam o tempo vivido da protagonista. Seu contexto histórico representa os descendentes de povos escravizados, que mesmo após a abolição sofreram para ganhar um espaço na sociedade devido a herança da escravidão no país. Legado esse que faz com que Evaristo lute pela representatividade negra dentro da literatura brasileira.

Palavras-chave: escravização, identidade, memória.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar la memoria en la novela *Becos da memória*, de la escritora de Minas Gerais, Conceição Evaristo, centrándose en la memoria como elemento constitutivo de la narrativa negra presentada por la dicha escritora. La novela presenta en su trama una historia narrada a partir de recuerdos que intercalan el tiempo vivido del protagonista. Su contexto histórico representa a los descendientes de esclavos, que incluso después de la abolición sufrieron para ganar un espacio en la sociedad debido al legado de la esclavitud en el país. Este legado hace que Conceição Evaristo luche por la representación negra en la literatura brasileña.

Palabras clave: esclavitud, identidad, memoria.

¹ Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre – *Campus* Cruzeiro do Sul - Acre. Docente da secretaria de estado de educação, cultura e esporte (Acre).
Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8922962557487248>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-7421-6641>

Introdução

A escolha do romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, justifica-se pela riqueza literária que compõe a obra, sendo considerada como uma das mais representativas da autora devido a forma como a memória é trabalhada e as inúmeras possibilidades de análise, além do fato de o romance pertencer à literatura afro-brasileira, narrando problemas do cotidiano dos afrodescendentes, num contexto atual que nos permite propor o presente estudo. A narrativa é constituída por indivíduos que são excluídos sociais, são eles: favelados, mendigos, prostitutas, desempregados, bêbados, entre outros, compondo um universo de sujeitos marginalizados, quase sempre ocultados e silenciados pela sociedade.

Há inúmeras temáticas abordadas na obra de Conceição Evaristo como escravização, fome, miséria, dor, preconceito, resistência, desfavelamento, entre outros. Desses citados, apenas dois ganham destaque neste artigo, mostrando-nos como a memória é fator essencial para a construção da narrativa, a qual é constituída de *escrevivência*, uma mistura das memórias da infância da autora com a ficção por ela construída. Isto posto, serão contrastados, relacionados e analisados os seguintes pontos: memória e escravidão; memória e dor. Para tanto, abordaremos em cada tema, aspectos como racismo, ferida colonial, identidade, silenciamento e não-lugar.

Por fim, este trabalho pretende oportunizar reflexões sobre temáticas sociais e políticas importantes que merecem destaque dentro da sociedade atual, uma vez que a memória é fator essencial para a construção da identidade e é, também, por meio dela que é possível compreender pontos discutidos no que se refere aos afrodescendentes, entendendo, assim, os seus silêncios e suas lutas, a partir da análise do romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo.

Escravidão, racismo e ferida colonial

Becos da memória, de Conceição Evaristo, é uma narrativa constituída por indivíduos que são excluídos nas mais variadas esferas sociais. São eles favelados, mendigos, prostitutas, desempregados, bêbados, entre outros. A maioria deles é afrodescendente e, principalmente, mulheres. Essas pessoas compõem um universo marginal que a sociedade busca ocultar. Os moradores que habitam à favela, onde se

passa a narrativa, vivem às vésperas de um desfavelamento. Tal processo é tratado como um fato que traz muita dor para os indivíduos que ali vivem, já que foi o lugar o qual passaram praticamente suas vidas inteiras, criando laços, compartilhando angústias e alegrias uns com os outros.

O romance envolvido por vozes afrodescendentes que atravessam gerações e com elas trazem dores oriundas de um passado escravocrata, estabelecendo relação com a memória, que assume papel essencial na construção das histórias, pois é por meio do retorno ao passado histórico que envolve esses sujeitos que podemos compreender a construção da identidade brasileira. Há inúmeras temáticas abordadas na obra de Conceição Evaristo, como: escravidão, fome, miséria, dor, preconceito, resistência, desfavelamento, entre outros. Desses citados, serão destacados aqui a escravidão e o preconceito, assuntos abordados tão fortemente no romance.

Diante do exposto, é evidente que o negro foi e é, muitas vezes, deixado à mercê devido a sua carga passada. A abolição era para servir como um meio de “salvação” para esses, entretanto não é essa a realidade vivenciada ao longo da história. Acima, o personagem ainda é colocado na situação de escravizado e vive para fazer as vontades do senhor da terra onde mora, sendo muitas vezes colocado em uma situação de humilhação e obrigado a realizar todas as vontades de seu “dono”.

Grada Kilomba (2019), em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, resultado de sua pesquisa de doutorado, trata de assuntos que nos permitem compreender o racismo cotidiano vivenciado por mulheres negras, ao mesmo tempo que promove reflexões sobre os impactos causados pelo colonialismo, questões de gênero e a violência contra a população negra. Segundo a autora (2019, p. 29):

Memórias da Plantação examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “*plantação*” e “*memórias*”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencarnação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada.

É visível que os negros, após mais de 100 anos da abolição da escravatura, mesmo com a Constituição Federal de 1988 assegurando seus direitos, ainda não conseguem viver a liberdade de suas escolhas e são vítimas cotidianas de episódios de racismo, preconceitos e injustiças sociais que despertam a memória de uma ferida

colonial tão presente em sua vida. Diante de cenas tão corriqueiras, “De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o *sujeito negro* estivesse naquele passado agonizante.” (KILOMBA, 2019, p. 30).

A história do povo escravizado é repetida em um novo tempo, o presente, e na narrativa de *Becos da memória* (2017), ela não ocorre de maneira diferente, pois os moradores da favela, cada um carrega consigo uma marca. Não é fácil para eles viverem em um lugar onde ainda são colocados no lugar de subalternos, onde suas lutas não vistas e suas vozes não são ouvidas. E que precisam diariamente brigar para que fatos ocorridos anteriormente não aconteçam mais.

Nesse âmbito, entende-se por racismo, segundo Silvio Almeida (2021):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas consciente ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2021, p. 32)

Logo, o racismo parte do conceito de raça – divisão dos grupos humanos, determinada pelo conjunto de características físicas hereditárias (cor da pele, formato da cabeça, tipo de cabelo etc.). Além do mais, o autor ainda destaca o preconceito racial, a saber: “O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias.” (ALMEIDA, 2017, p. 32). Ou seja, em sentido amplo, preconceito racial é uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial a um certo grupo.

Grada Kilomba (2019) afirma que a palavra negro, escrita por ela como *N.* (o *N.* é abreviado, a fim de não reproduzir uma linguagem colonial), está ligada ao trauma, pois é uma terminologia colonial, como já mencionado, além de estar unida a uma história de violência e desumanização, como destacado abaixo:

A palavra *N.* não é uma palavra neutra, mas um conceito colonial inventado durante a Expansão Europeia para designar todas/os as /os africanas/os (Essrd, 1991; Kennedy, 2002). Ela é, portanto, um termo localizado dentro da história da escravização e da colonização, ligado a uma experiência coletiva de opressão racial, brutalidade e dor. Neste episódio, eu quero explorar a relação direta entre a grafia da palavra *N.* e o trauma [...]. (KILOMBA, 2019, p. 156)

Destarte, temos a palavra negro sendo associada ao trauma, visto que ela se refere a uma linguagem colonial muito utilizada pelos colonizadores como forma de insultar e inferiorizar. Logo, quando tal termo é proferido, não está somente associado à cor da pele, mas também a uma série de terminações que se define em racismo. Portanto, isso acaba levando o indivíduo a reviver uma ferida do passado no presente, tornando isso uma característica do trauma.

Ainda segundo o pensamento de Grada Kilomba (2019) sobre o trauma da palavra *N.*:

Aparentemente, a dor infligida ao corpo é a expressão da ferida interior causada pela violência da palavra *N.*: como Kathleen diz ter sentido “esse tipo de dor física porque alguém [a] chamou daquela palavra”. Temos aqui um paralelismo interessante: o racismo pretende causar dano, fazer mal ao *sujeito negro* (*schlecht machen*), e o *sujeito negro*, de fato, se sente fisicamente ferido, se sente mal (*sich schlecht fühlen*). (KILOMBA, 2019, p. 156)

Quando a experiência psicológica é transferida para o corpo, tem-se a ideia de trauma. Isso evidencia, no indivíduo, uma vulnerabilidade que o faz lembrar do passado vivido por seus ancestrais, causando, assim, a experiência do racismo que pode ser expelida através das sensações corporais.

Silvio Almeida (2021), ao conceituar racismo, aborda três concepções: individualista, institucional e estrutural. O racismo individual é considerado mediante uma ideia de “patologia” ou anormalidade de caráter individual ou coletivo atribuído a grupos isolados.

A concepção institucional é considerada como um avanço para os estudos das relações raciais, pois vai além da ideia existente de racismo como comportamento individual, visto que é tratado como resultado de funcionamento das instituições. Ademais, o racismo institucional diz respeito aos efeitos causados pelos modos de funcionamento das instituições que concede privilégios a determinados grupos de acordo com a raça. A concepção institucional de racismo trata do poder como elemento central da relação racial. Esse domínio ocorre com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia racial no poder.

Por fim, a concepção estrutural de racismo está profundamente ligada ao racismo institucional e determina suas regras a partir de uma ordem social estabelecida. Isso

significa que o racismo é uma decorrência da própria estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça, ou seja, as instituições são racistas porque a sociedade é racista. Silvio Almeida (2021) enfatiza que o racismo é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos, para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática.

À vista disso, em *Becos da memória* (2017), está presente o racismo institucional e estrutural, sendo que ambos estão intrinsicamente ligados. Os personagens são vítimas do racismo que é imposto pela sociedade opressora, que não dá voz nem vez a esses indivíduos marginalizados. As instituições são as primeiras que reprimem os sonhos que cada uma busca de uma condição de vida melhor. Acerca de tais apontamentos, o excerto que se segue é representativo:

[...] Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas no fundo, a miséria era mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (EVARISTO, 2017, p. 63)

Os racismos institucional e estrutural são encontrados na narrativa quando é narrada a opressão dos senhores das fazendas e lavouras – onde muitos trabalhavam antes de irem para a favela – para com seus trabalhadores, quando exigiam oportunidades e chances dignas de viverem e crescerem financeiramente.

Assim, outro fato que marcou o período da escravidão e se faz presente até o hoje, são as formas de violências contra os negros, sobretudo, as mulheres. Tendo isso como modo de punição, era muito comum os senhores praticarem variados atos de violência, para que esses indivíduos os “respeitassem” e fizessem seus trabalhos sem rebeldias.

Hoje, a violência contra a população afrodescendente é marcada como ato discriminatório para com sua raça e sua ancestralidade. Toda essa brutalidade traz marcas de um passado cruel, que se perpetua ao presente, despertando, assim, traumas e feridas. Conforme afirma Grada Kilomba (2019):

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse *immediatismo*, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se tivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta cenas do colonialismo (o passado). A ferida do presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado. (KILOMBA, 2019, p. 158, *grifos do autor*)

Isto posto, o racismo é uma forma de violência, seja ele praticado fisicamente ou por meio de palavras e atitudes. À medida que isso acontece, ocasiona à vítima – o negro –, cenas de um passado (colonialismo) que se presentifica de modo cruel para ele, dando espaço para uma ferida que não cicatriza, pois tudo que acontece hoje na sociedade é fruto de um passado desumano.

Assim, Jaime Pinsky (2010), sobre a escravidão alega que:

A escravidão se caracteriza por sujeitar um homem ao outro, de forma completa: o escravo não é apenas propriedade do senhor, mas também sua vontade está sujeita à autoridade do dono e seu trabalho pode ser obtido até pela força. [...] Na escravidão, transforma-se um ser humano em propriedade de outro, a ponto de ser anulado seu próprio poder deliberativo: o escravo pode ter vontades, mas não pode realizá-las. (PINSKY, 2010, p. 09)

Portanto, diante desse conceito de escravidão, depreende-se que, para obter o trabalho do negro, o patrão via na violência uma maneira de inibir suas vontades, deixando-o apenas à sua disposição. A agressão era tida como uma saída para que ele fosse sujeitado às vontades daquele que detinha o poder.

A título de informação, em 1688, o rei de Portugal, com o intuito de evitar que os escravos fossem maltratados, permitia várias denúncias de religiosos. Com isso, foram criadas leis, portarias e recomendações que delegavam que os castigos aos escravos não fossem desproporcionais às irregularidades por eles cometidas. Todavia, elas eram desobedecidas. Os senhores – proprietários dos escravos – achavam-se no direito de descumprir as leis, pois eram “donos” daqueles sujeitos e isso lhes dava condições de fazerem o que quisessem, principalmente, puni-los até a morte, caso não tivessem rendendo o que era esperado.

É sabido, por meio da história, que várias eram as formas de coação física praticadas contra o povo negro escravizado, tais como: a máscara de flandres, correntes, gargalheira, tronco, algemas, peia, palmatória, calabouço, golilha, ferro para marcar, entre outras. Contudo, ter sido tratado como mercadoria foi uma das maiores violências perpetradas contra o povo negro (PINSKY, 2010, p. 39), causando consequências psicológicas, sociais, entre outras, que se estendem até a contemporaneidade.

Diante dos fatos supracitados, vale destacar a violência contra a mulher negra. Como o povo negro era visto como propriedade, as mulheres, por serem mais vulneráveis, eram tidas pelos “donos”, não somente para a força de trabalho, mas também como objetos sexuais. A título de exemplificação, Jaime Pinsky (2010), destaca o seguinte:

Quanto ao senhor, não há dúvidas. Cumpria com sua mulher branca as obrigações de reprodutor e marido, mas voltava-se às escravas para o prazer sexual. Entregava-se às negras e mulatas com todo o empenho, buscando usufruir delas a satisfação que não encontrava em sua formal cama de casado. O mito de mulheres quentes, atribuído, até hoje, às negras e mulatas pela tradição oral, decorre do papel que lhes era designado pela sociedade escravista. (PINSKY, 2010, p. 54)

Becos da Memória (2017), apesar de ser uma narrativa atual, representa marcas dessa violência praticada, desde o período colonial, contra as mulheres negras. Porém, ao mesmo tempo, Conceição Evaristo tenta desconstruir essa figura estereotipada da mulher, associada como objeto de prazer e ao trabalho pesado. Assim, a personagem Dora é apresentada, no romance, carregando a imagem de uma mulher negra empoderada, dona de si e de suas vontades.

[...] Ela vivia feliz. De tempos em tempos em tempos, tinha o seu homem, companheiro certo. Eles viviam ali, depois não sei por que partiam. Não se ouvia briga ou choro. O que se ouvia cá de fora, vindo de dentro do barraco de Dora, era sussurro, gemidos prazerosos de amor. [...] (EVARISTO, 2017, p. 90)

Dora era muito conhecida na favela, era uma negra que carregava fortes características, inclusive de mulher sensual. Contudo, no decorrer da narrativa, a personagem desconstrói o estereótipo negativo da mulher negra, criado no período da escravidão, mudando a direção de seus caminhos e construindo uma nova história.

O estereótipo que é dado à personagem está ligado à violência cotidiana que assola a realidade sofrida de diversas mulheres da favela e atualiza uma atrocidade do passado, aproximando ao episódio de senzala e favela. A negra é vista pela sociedade, sobretudo, os homens, como objeto de prazer e escrava de seus lares.

Todavia, Dora não esconde seus desejos nem sua vida. Ela envolve-se com muitos homens, tem até um filho que não vive em seu meio familiar:

“Dora não queria nada, nem casar, nem ter filhos, nem barriga. Dora não queria nada. Deitou-se aquele dia e deitava sempre, apenas querendo o prazer. Entregou o menino para o homem e saiu daquela casa. Continuou a vida, era feliz” (EVARISTO, 2017, p. 88).

Assim, Dora abre a cortina sobre o seu passado, apontando seus desejos e escolhas, sem autocensuras.

Outra personagem que ganha destaque é Cidinha-Cidoca, conhecida por sua profissão, prostituta. Além do mais, ela é caracterizada por ser uma mulher negra de corpo bonito e tentador.

[...] Quase sempre usava um vestido solto sobre o corpo. A sombra de sua negra nudez era percebida sob o camisolão alvo. Era tudo muito bonito e tentador.

Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados e as mães por seus filhos que começavam a crescer e que, entre o vício da mão, do autocarrinho, preferiam o corpo macio e quente, preferiam o “rabo de ouro” da Cinha-Cidoca. (EVARISTO, 2017, p. 21)

É notório que as personagens femininas, descritas na narrativa, evocam questões para além da objetificação e sexualização dos corpos negros. As vivências dessas mulheres, em especial a rabo-de-ouro, colocam em discussão, também, a liberdade e estigmatização sexual da mulher. Ademais, o corpo de Cidinha-Cidoca é tomado como troféu e diversão pelos homens da favela. A saber:

Havia homem que nem bola direito chutava, só pensando em Cidinha-Cidoca. A fama da mulher corria. Era conhecida de corpo e de nome naquela e em outras favelas. Às vezes, um ou outro jogador arriscava à Cidinha-Cidoca que mudasse de pouso, que fosse com ele. Cidinha tinha mesmo vontade de conhecer outros lugares. [...] O

aventureiro sentia-se feliz, vitorioso, afinal levaria consigo o melhor troféu, “Cidinha-Cidoca rabo-de-ouro.” (EVARISTO, 2017, p. 26)

Fica evidente a posse e o poder que os homens têm sobre o corpo negro da personagem, outra representação de uma condição histórica imposta sobre a mulher, em especial sobre o corpo da mulher negra. Portanto, o traço que mais ganha evidência de Cidinha-Cidoca é remetido ao sexo, depreendendo-se que não há outras características importantes nela que não seja o sexo.

Nesse contexto, vale destacar que as mulheres da favela, temiam a presença de Cidinha-Cidoca. Como podemos observar no trecho a seguir:

Bom que ela estava doida, demente, desmiolada! Bom mesmo! Diziam até que era trabalho de uma moça virgem que criara mágoa de Cidinha. A menina havia descoberto que seu namoradinho andava visitando Cidinha-Cidoca. Falou com ele. O franguinho em véspera de galo não gostou. Discutiui, argumentou que era homem. E homem tinha de ir lá! Homem não era igual mulher! Homem vai ou endoida! Sobe pra cabeça! (EVARISTO, 2017, p. 22)

Assim, tal passagem se entrelaça com que Jaime Pinsky (2010) afirma sobre a maneira como algumas sinhás se comportavam quando descobriam que seus maridos ou filhos tinham se relacionado com as escravas:

Às vezes – e muitas – a vingança saía pela culatra. Ofendida em seu amor próprio, a senhora utilizava-se de sua posição e torturava cruelmente a escrava, a ladra de seu homem. Assim morreram muitas escravas, algumas das quais nem se quer quiseram dormir com o patrão, mas viram-se constrangidas a concordar com uma relação que, na sua condição de propriedade alheia, dificilmente conseguia evitar. (PINSKY, 2010, p. 55)

Diante de tal fato, muitas senhoras, motivadas por ciúmes, torturavam e matavam as escravas, a fim de evitar que episódios como os destacados nos parágrafos anteriores acontecessem novamente.

É perceptível que as mulheres negras, até hoje, carregam esses estereótipos negativos que foram instituídos pelo patriarcado desde meados do colonialismo. Acerca de tal aspecto, Grada Kilomba (2019) destaca:

[...] Historicamente, mulheres *negras* têm tido essa função de serem corpos sexualizados e reprodutores de trabalhadora/es (Collins, 2000; hooks, 1981; 1992); isto é, tem a função tanto de amantes como de

mães. Durante a escravização, as mulheres *negras* foram sexualmente exploradas para criar filhas/os. Em seu ensaio *Sexismo e a Experiência das Mulheres Negras Escravizadas*, Bell Hooks (1981) escreve sobre como em anúncios de venda de escravizadas/os, mulheres africanas eram descritas por sua capacidade de procriação. Elas foram classificadas como “procriadoras de *escravas/os*”, “mulheres em idade fértil”, dentro do “período de reprodução”, ou “velha demais para procriar”. (KILOMBA, 2019, p. 141)

As categorias, citadas no trecho acima, eram usadas para descrever as mulheres negras, as quais tinham como função na casa branca, durante o colonialismo, o dever de nutrir e prover, enquanto seus corpos também eram vistos e usados como objetos sexuais e para procriação.

Devido a imagem estereotipada que surge desde o colonialismo da mulher negra perante a sociedade, as personagens Dora e Cidinha-Cidoca sofrem com mazelas típicas do passado escravocrata, principalmente no que diz respeito a seus corpos negros: a violência, o preconceito e o racismo.

Consoante Paul Gilroy (2012), a violência corria a vida social negra como um todo. Isto é, tal ato era e é comum na vida do negro enquanto fator de distinção entre negros e brancos, mediando as diferenças raciais.

Contudo, são inúmeras situações que o povo afrodescendente viveu e vive desde os primórdios do colonialismo. A escravidão foi o processo mais dolorido e, mesmo depois de tantos anos, ela ainda traz marcas de uma ferida que não sara, que sangra e dói na alma dos afrodescendentes, manchando a estrutura social brasileira.

Portanto, os personagens apresentados no enredo, da obra *Becos da memória* (2017), são indivíduos que carregam consigo marcas de um passado que se faz presente em suas vidas. Suas trajetórias são carregadas de dores, feridas e traumas causados pelo racismo e preconceito que ainda assolam a sociedade. São pessoas que buscam por seus direitos e espaço no meio onde vivem, mas são esquecidos e, muitas vezes, se veem na situação de colonizador x colonizado. As mulheres são constantemente violentadas e subalternizadas, devido aos estereótipos pregados por pessoas que detinham o poder. À vista disso, como consequência, o racismo permanece entranhado em nossa sociedade, marcando vidas e corpos em virtude de variadas práticas de violência perpetradas contra a população afrodescendente.

Memória e dor

Sabe-se que a memória é uma das faculdades que permite ao ser humano recuperar suas experiências e compartilhá-las com os demais. Além disso, “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 4), o que significa que nem todos os acontecimentos pelos quais o indivíduo passa ao longo da vida serão lembrados com a mesma intensidade.

Segundo Maurice Halbwachs (1990), além das memórias resultantes dos acontecimentos que o próprio sujeito vivenciou, há, também, aquelas memórias que ele irá agregar às suas por meio do contato com as narrativas familiares e de outros grupos que transmitem acontecimentos passados. É o caso das “memórias emprestadas” (Halbwachs, 1990) ou “memórias herdadas” (Pollak, 1992) em que o sujeito incorpora às suas vivências fatos que não presenciou, mas que passam a fazer parte de suas próprias lembranças.

Em *Becos da memória* (2017), quando Maria-Nova tem contato com as experiências dos outros personagens que compõem a obra, ela está vivenciando o que é descrito por Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollak (1992), pois é a partir das trocas que as memórias da narradora vão sendo construídas.

Todavia, quando se trata da memória do passado escravocrata, ela vai ser carregada de dores, uma vez que esse foi/é o povo que mais sofreu com o descaso e atrocidades da sociedade, devido a cor da pele.

A figura de Maria-Velha, terceira esposa de Tio Totó, também pode ser destacada aqui. Ela era descendente de escravos. Seu pai, Luisão, ficara meio louco depois de ver a irmã, uma escrava mãe-de-leite, ser vendida por ter se rebelado contra o sinhô. A personagem carrega consigo uma bagagem de dores na alma.

Sobre isso, a referência abaixo é importante:

Maria-Velha, mulher dura também, era a terceira mulher de Tio Totó. Quando encontrou o homem, ela também já tinha uma larga e longa coleção de pedras. Já vinha também de muitas dores e era por isso, talvez, que ela sorrisse só para dentro. Podia até estar contente, quase feliz, mas não alardeava o seu sentimento. “A tristeza tem orelha grande e ouvidos fundos”, dizia ela. “Basta a gente dar uma gargalhada alta, que a orelhuda escuta e vem logo tristeando atrás da gente.” (EVARISTO, 2017, p. 29-30)

Referente à citação, percebe-se que a mulher diante de tantas coisas já vividas, acredita que ser feliz é quase impossível e que ter um momento de alegria é insulto para a tristeza, por isso que ela chega e fica, para que não haja espaço para a felicidade.

Maria-Velha quando era criança e não tinha tanto conhecimento do passado de seus familiares, permitia-se sorrir, “[...] ela era renitente, feliz, vivia os dias em grandes saltos pelos campos afora.” (EVARISTO, 2017, p. 30). Contudo, à medida que a menina cresce e sente na pele o descaso, o preconceito e as dificuldades para ter um espaço dentro da sociedade, o seu sorriso é apagado e o lugar é preenchido pelas pedras pontiagudas que machucam tanto o seu peito.

Há também Mãe Joana, irmã de Maria-Velha, descrita como bonita e triste. A personagem também é um modelo de quem traz dores em sua vida, como é notório no trecho da obra.

Mãe Joana era uma mulher triste. Não sorria nunca. Coincidência ou não, era irmã de Maria-Velha, Vinha de uma mãe que tinha o lado direito abobado, adormecido, e de um pai doido, demente, maluco. Maria-Velha ria por dentro, se escondendo, fugindo da tristeza. Mãe Joana talvez chorasse, tempestuasse constantemente por dentro. Ela era bonita e triste. (EVARISTO, 2017, p. 39 - 40)

Devido às marcas do legado escravocrata, esses indivíduos demonstram a difícil relação entre dor e memória, pois narram trajetórias permeadas pela agressão e violência de um sistema sobre o qual os mais vulneráveis não têm nenhum controle.

Todos os personagens são uma continuação dos ancestrais, por isso as dores deles, eram também dos outros; quando as memórias eram contadas, era como se estivesse revivendo todo o narrado, as dores recontadas eram revividas. As conversas dos mais velhos eram de fato muito profundas e alcançavam a alma de todos, principalmente de Maria-Nova, que compreendia a magnitude dessas narrativas, portanto, mesmo sem ter vivido os fatos ela conseguia entender e sentir uma dor que não era só dela e nem começava nela. Tal fato é identificado no excerto abaixo:

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. *Torneira de baixo ou torneira de cima? Hoje estou para o sofrimento. Vou ver Vó Rita. Vou pedir que me leve até a Outra. Posso também ir olhar a ferida que*

Magricela tem na perna. Tenho nojo, mas olho. Posso ir assistir à briga de Tonho Sentado e Cumadre Colô. Posso ver a Tereza, quem sabe hoje ela dá o ataque? Posso passar devagar, pé ante pé, perto do barraco do Tião Puxa-Faca. Gosto de ouvi-lo afiar a lâmina. Imagino a dor se ele me retalhar a carne. Hoje quero tristeza maior, maior, maior... Hoje quero dormir sentido dor. (EVARISTO, 2017, p. 32, grifos do autor.)

A narradora-personagem vive não somente suas dores, mas também dos outros personagens que compartilham com ela tantas histórias e memórias sofridas das dificuldades que a vida e a sociedade impuseram a esses indivíduos. A cada recordação dividida, Maria-Nova, revive um passado que ainda tem suas marcas presentes. A menina muitas vezes procura saber de fatos ocorridos, mesmo isso causando-lhe sofrimentos, pois somente assim ela é capaz de compreender as angústias de seu povo.

Nessa perspectiva, o trecho a seguir da obra é destacado:

Maria-Velha parece que adivinha os desejos de Maria-Nova. E, quando a menina estava para o sofrer, a tia tinha histórias para rememorar. Contava com uma voz entrecortada de soluços. Soluços secos, sem lágrimas. Sabia-se que ela estava chorando pela voz rouca e pela boca amarga. (EVARISTO, 2017, p. 32)

À vista disso, a riqueza dos pormenores de cada história é contada por todos, principalmente pelos mais velhos, que sempre traziam uma enorme bagagem de tantas lembranças vividas por eles e pelos os seus. Detalhar cada acontecimento desperta em Maria-Nova o desejo de conhecer sempre mais e um dia contar para o mundo tudo o que ouvira das pessoas que fizeram parte da construção da sua identidade.

Logo, partindo desse viés, é impossível viver e contar a história do povo negro, sem que não haja sofrimentos e traumas presentes em seus caminhos. Cada personagem mostrado aqui traz uma marca do passado escravocrata estampada em seu rosto. Muito da dor desses indivíduos vem das dores que percebem naqueles que os cercam.

A dor do silenciamento

De acordo com Abdias do Nascimento (1978), a imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da população negra fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão. Por volta de 1530, os africanos, trazidos sob correntes, já aparecem exercendo o papel de

"força de trabalho"; em 1535 o comércio escravo para o Brasil estava regularmente constituído e organizado, e rapidamente aumentaria em grandes proporções. A partir daí os negros passam a ser repreendidos em suas atitudes, silenciando-os diante das barbáries cometidas por seus "donos".

O silenciamento surge como forma de oprimir os afrodescendentes, tornando-se, assim, um entrave para que possam mostrar à sociedade o que de fato ocorreu do tempo da escravização até o momento atual. Sempre difícil para a população negra brasileira manifestar suas opiniões, angústias e lutas, uma vez que, ainda hoje, são calados por aqueles detém o poder, diante das injustiças sociais.

Jaime Pinsky (2010), reitera que a vida cotidiana do escravizado se desenvolvia, não na função de suas próprias escolhas, mas em decorrência das tarefas que lhe eram atribuídas. Isto acontecia pela sua contraditória condição de humano e de "coisa" – ter vontade própria e não poder executá-la, tendo de executar, por outro lado, vontades que não eram suas, mas do senhor. O dia a dia do escravo refletia sua condição própria de existência e variava bastante, dependendo das especificidades do trabalho na agroindústria canavieira, na agricultura cafeeira, na atividade aurífera ou em atividades domésticas.

É devido toda essa determinação dos senhores que os escravizados eram reprimidos. Agem contra suas vontades diante das atividades laborais impostas. São tratados como "objetos", pois são impedidos de expor seus pensamentos e sentimentos perante a situação a qual se encontravam. Todavia, de lá para cá, muita coisa permaneceu igual. Tantos e tantos negros sofrem formas de represálias quando se permitem expor as dificuldades que passam.

Em consenso com isso, Yvonélio Ferreira (2018) esclarece:

Considero que rememorar as vítimas do passado enquanto reparação das injustiças é resgatar esses sujeitos que foram submetidos ao silêncio pela história oficial. Nesse ínterim, é plausível considerar que na história da humanidade os fatos nos chegam, quase sempre, a partir da visão daqueles que buscam um controle sobre os indivíduos – é a história vista de cima. Isso faz com que muitos seres e eventos sejam relegados ao silêncio e ao esquecimento, cabendo, segundo Benjamin, ao pesquisador, a missão de escavar fundo e trazer à tona, à superfície, aquilo que está silenciado. (FERREIRA, 2018, p. 113)

É sabido dos prejuízos causados pela escravização para a sociedade ao longo da história, muitas vidas foram e são silenciadas. Os indivíduos que vivem isso, buscavam a real efetivação dos direitos humanos, que foram conquistados com muito suor e determinação daqueles que não fugiram da luta, não silenciaram em meio ao sistema e não se curvaram diante da ideologia dominante.

Na narrativa de Conceição Evaristo, é possível conhecer um pouco mais dos silenciamentos que são sofridos pelos personagens, indo desde o apagamento dos sonhos de crianças até a violência, como é possível observar no fragmento abaixo:

A Fuizinha crescia temerosa, arredia. Uma vez Maria-Nova parou perto da cerca de arame farpado que havia em volta do barracão e Fuizinha ameaçou soltar alguma palavra, quase confidência de tão baixo que era. Maria-Nova escutou a voz do Fuinha e fugiu. Escutou depois um baque surdo no chão e os gritos da menina. Fuizinha crescia entre o choro e a pancadaria. Tinha o rosto todo marcado. E sua mãe era passiva e temerosa. Eles não recebiam nem faziam visitas. (EVARISTO, 2017, p. 78)

A menina Fuizinha é filha de Fuinha, um homem que: “[...] uns diziam que ele era louco, outros que era maldoso, perverso, e que nada de louco tinha.” (EVARISTO, 2017, p. 78). Na verdade, Fuinha era mal, encontrava na violência um meio de esquecer os problemas, ele bebia e agredia a criança e a esposa cotidianamente por qualquer motivo que fosse.

A violência sofrida pelas duas personagens é uma forma de silenciamento, tendo em vista que elas não podiam contar para ninguém os sofrimentos pelos quais passavam nas mãos do homem. Diante de tamanha agressividade, a pequena cresce com medos, como é visto na citação acima, ela mal consegue se expressar quando fala com Maria-Nova, pois o temor de ser repreendida pelo pai era maior.

Fuizinha e sua mãe vivem censuradas dentro de sua casa e são obrigadas a aceitarem as atrocidades do homem, até o momento que o pior aconteceu:

Um dia mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. Os vizinhos tinham escutado a pancadaria na noite anterior. A mulher gritara, gritara, a Fuizinha também, também. Ouviu-se a voz do Fuinha:
- Agora silêncio.

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da

mulher e da vida. Dispôs da vida mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 2017, p. 79)

Perante tanta violência, a mãe de Fuizinha acaba sendo morta pelo marido e a situação só piora, porque agora o homem, além de bater na menina passa a violentá-la sexualmente. Diante disso, Evaristo mostra uma realidade que não é muito diferente do passado escravocrata, as mulheres eram violentadas de todas as formas pelos “brancos”, capatazes e “negros”.

Nessa conjuntura, a violência sexual era uma realidade forte no processo de colonização e “a mulher negra ter sido submetida a esse tipo de violência sistematicamente evidencia uma relação entre a colonização e a cultura do estupro” (RIBEIRO, 2018, p. 117).

Outra história que é marcada pela violência sexual é a da personagem Nazinha, que tinha a mesma idade de Maria-Nova. Sua mãe, casada com um homem revoltado e bêbado, vendo os filhos passarem fome, vende a filha para o homem que se dispôs a comprá-la: “Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... Era como se a vida estivesse lhe fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca e gozou tranquilo” (EVARISTO, 2017, p. 38). A mãe vendeu a menina porque acreditava que talvez assim a filha teria um futuro menos pobre, sem grandes dificuldades financeiras.

Aqui evidencia-se mais uma vez a violência sexual. A mãe com o sentimento de salvar a filha da miséria, acaba fazendo o mal para a menina, uma vez que ela passa a ser usada apenas para satisfazer os desejos daquele homem. É possível observar que a garota, assim como tantas outras de sua idade, tinha sonhos e aspirações, no entanto, esses são totalmente destruídos diante da sua nova condição.

Mesmo com tantos anos passados, a situação não muda. Todos os dias inúmeras mulheres são vítimas de violência, seja ela sexual, física ou psicológica, por seus companheiros, pais, familiares e desconhecidos. Sendo assim, mediante os fatos narrados acima, a cultura do estupro e a objetificação do corpo da mulher, basilarmente, da negra, torna-se mais ainda presente dentro da sociedade. Como enfatiza Ribeiro

(2018), “visto que seus corpos já vêm sendo violentamente desumanizados historicamente, ‘ultrassexualizados’, vistos como objeto sexual” (RIBEIRO, 2018, p. 117). Ou seja, as mulheres negras são violadas desde a época da colonização e, desde então, elas são sempre silenciadas sobre essa forma de opressão.

Há também a história de Custódia, que não é agredida pelo companheiro, mas sim pela a sogra. Contudo, ela não deixa de também ser silenciada diante da maldade da mulher:

Custódia apanhava da sogra que gritava como se fosse Tonho o agressor. Ele nada percebia. No outro dia, Custódia não se levantou de dor. À tarde, pariu uma menina morta. Dona Santina pegou a Bíblia e orou. Enterrou a criança no fundo do barraco. Lembrou, porém, que naquela área os tratores passariam assim que eles saíssem de lá. Desenterrou, embrulhou o defuntinho em jornais e saiu. Custódia viu tudo. Tonho roncava, de dentro dele saía o hálito de cachaça. Tudo isto acontecera havia uma semana somente. Custódia não entendia por que Dona Santina fizera aquilo. Bem que falavam que Dona Santina, apesar da Bíblia, era muito má [...]. (EVARISTO, 2017, p. 84)

No episódio relatado acima, Custódia, ao apanhar de sua sogra, sem nenhum motivo, acaba perdendo o bebê que estava esperando. O marido, Tonho, vivia bêbado e não teve conhecimento do que aconteceu. A mulher também não contava para ele das crueldades de Dona Santinha, pois era mandado por ela. Assim, Custódia, silencia-se: “[...] Havia sido uma violência, mas tinha medo de falar alguma coisa.” (EVARISTO, 2017, p. 82).

Em *Becos da memória* (2017) o silêncio é marca resultante de um passado conturbado. Desse modo, silenciar, às vezes, para esses indivíduos pode ser um pedido de socorro. Isto é, quando os personagens aqui mostrados falham na comunicação, não externam suas dores, eles são marcados pelo silêncio. Para David Le Breton (1997), “o silêncio está carregado de intenções quando a palavra esperada não surge; é sinônimo de segredo se um facto permanece na sombra, fora das investigações [...]” (LE BRETON, 1997, p. 76).

Assim, Yvonélio Ferreira (2018) expõe sobre o silêncio que:

Há silêncios na dúvida, na solidão, na angústia, na introspecção, na origem e no fim das coisas, no excesso, no olhar, na repressão, na inefabilidade de Deus, no infinito do universo, nas imposições, na

contemplação, na raiva, no embaraço, no assombro, na ameaça, na expectativa, na desilusão, na natureza e em tantos outros locais, sentimentos e demais possibilidades onde existe linguagem. (FERREIRA, 2018, p. 54)

O autor afirma que há várias formas de silêncio que podem ser compreendidos e ter significado, no entanto, existe um silêncio que não pode ser aceito, que é aquele usado como meio de calar as humanidades. O silêncio deve proporcionar uma linguagem carregada de sentido, para que assim seja construído discursos repletos de resistência.

No romance de Conceição Evaristo, o silêncio que se faz presente é visto como um meio de censura. Sergio Antônio Mosquera (2017), mostra-nos como ocorria no período escravagista:

Los documentos existentes en los archivos no contienen, casi siempre, la voz de los esclavizados porque ellos no tenían acceso al monopolio de la escritura, y además no podían comparecer en juicio por sí mismos; razón por la cual fueron silenciados en dichas memorias. Esto dificulta el conocimiento de ciertas concepciones y percepciones que ellos tenían de la realidad sociocultural, la manera como expresaban y manifestaban su inconformismo, de cómo percibían el lugar que ocupaban en la sociedad, sus deseos, ambiciones y sueños; especialmente cuando eran sospechosos y peligrosos para expresarlos. (MOSQUERA, 2017, p. 268)

Não conceder oportunidades ao negro, principalmente no período da escravidão, tirava deles as chances de contar os fatos pelas suas perspectivas. Não oportunizar acesso à escrita e à leitura impedia-os de se rebelarem contra o sistema. Dessa forma, privar esses indivíduos era mais cômodo para que a desigualdade a qual viviam não fosse totalmente exposta.

Ainda sobre o silêncio, Yvonélio Ferreira (2018), reitera:

[...] a história é permeada por silêncios que precisam ser desvendados, por pessoas e fatos que foram subjugados ao esquecimento ou...aos porões da história e que precisam ser resgatados e trazidos ao presente, para que a memória dos vencidos também ganhe voz em meio ao silêncio que lhes foi imposto, comunicando um tempo que não pode ser abafado. (FERREIRA, 2018, p. 128)

A partir dessa perspectiva, Maria-Nova, em *Becos da memória* (2017), entende que manter esse silêncio que censura as verdades de seu povo é algo que precisa ser

rompido, por isso, ela vê na escrita um mecanismo de luta e resistência contra aqueles que só mostram o que lhes convém. Cito:

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existiam, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2017, p. 177)

A narradora-personagem entende que somente pela escrita ela poderia contar a todos as dores e silenciamentos que seu povo vive. Escrever é seu principal ato de resistência e a história pode enfim ser contada pela visão dos que foram vencidos. As memórias individuais e coletivas de Maria-Nova não podiam ser guardadas, a sociedade precisava conhecer sobre as vidas que continuavam sendo esquecidas.

Portanto, mediante o que foi exposto, o passado não pode continuar a ser repetido, é necessário prosseguir lutando para que os direitos dos afrodescendentes sejam efetivados, que os discursos de igualdades sejam colocados em prática e que a voz desses sujeitos seja ouvida, pois de acordo com Le Breton (1997, p.16), “a palavra é o único antídoto para as múltiplas formas de totalitarismo que procuram reduzir a sociedade ao silêncio, para impor uma mão de ferro sobre a circulação colectiva do sentido, neutralizando qualquer pensamento.”

Considerações finais

O romance *Becos da memória* (2017), de Conceição Evaristo, trata de temas que são imprescindíveis diante da atual conjuntura de nossa sociedade. Racismo, preconceitos, escravização e identidade são temas cruciais para poder compreender a história de um povo tão marginalizado e sofrido.

Conceição é pontual quando traz para a obra personagens que vivem cotidianamente assombrados pelos traumas e feridas que ainda perpetuam dentro do convívio social ao qual estamos inseridos. Percebe-se que mesmo após tantos anos passados, as dores presentes na vida dos afrodescendentes são muito parecidas com as sofridas há séculos.

Os personagens são retratos em um meio corrompido pela falta de sensibilidade e empatia ao próximo. A favela, a qual é tida como “lar”, é reflexo do descaso do

governo e da soberba daqueles que detém o poder. Esse ambiente é tratado como entre-lugar de memórias que vai entrando nas feridas, traumas e resistências para ir debulhando as ressignificações das lembranças.

A memória, presente no romance, tem papel primordial, pois é por meio dela que Maria-Nova consegue conhecer e contar futuramente a história de seu povo por outra perspectiva. Maurice Halbwachs (1990), mostra que o trabalho de rememoração assume o caráter de uma reconstrução do passado, pois é fruto de um esforço consciente do sujeito, no presente, que busca, em meio ao emaranhado de informações gravadas na mente, percorrer a trilha que lhe conduz às lembranças desejadas.

Nesse viés é importante salientar que durante esse processo de rememoração, as memórias individuais e coletivas, como já destacadas anteriormente, são fundamentais durante esse percurso de construção, uma vez que elas permitem que fatos marcantes não sejam esquecidos.

Conceição Evaristo, em sua narrativa, tem o objetivo de romper com a visão de inferiorização do negro, bem como o preconceito, racismo e desigualdade social em que esses sujeitos são inseridos. Ela traz denúncias sociais, a começar pelo o espaço ocupado pelos personagens, a favela, onde é retratada a maioria das histórias ouvidas pela narradora-personagem.

A favela é tida como lar para os personagens, apesar da miséria que viviam, ali era o lugar que eles achavam que poderiam ser felizes e sobreviver em meio a tantas injustiças. Contudo, são pegos de surpresa com o plano de desfavelamento, a partir daí muitos traumas serão trazidos à tona, pois a lembrança de um passado escravocrata será revivida.

Os becos da favela de Maria-Nova são palco para muitas histórias de injustiças sociais, violência, preconceito, miséria e desigualdades. As pessoas que ali viviam, passam a vida em busca de uma condição melhor, de um espaço e de reconhecimento. Todos carregam lutas e dores de uma vida toda. Tentam a cada dia sobreviver com o mínimo que lhes são oferecidos.

À luz do exposto, é vivenciando as dores de seu povo que Maria-Nova busca na educação um mecanismo de transformar não só a sua vida, mas a vida de seu povo. É ouvindo as alegrias e tristezas deles que ela poderia ajudá-los a mudar o rumo de suas

histórias. A escrita é a única arma que ela pode usar, por isso um dia ela escreveria, “passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente.” (EVARISTO, 2017, p. 151).

Evaristo narra em sua obra os meios de calar a voz negra diante de tantos descasos da sociedade, um desses é a tentativa de silenciamento dessas pessoas, por meio da violência física, sexual, da marginalização e da falta de oportunidades. Essas práticas são tidas desde o período de colonização, em que o colonizador tentava a todo custo, silenciar as dores dos negros e escravos, para isso práticas de violência eram usadas a fim de coibir qualquer tipo de rebeldia e manifestação dos colonizados.

A autora mostra o corpo da mulher negra como objetificação sexual, por meio das personagens Cidinha-Cidoca e Dora, muitas vezes tratadas como prêmios pelos homens que as tinham. Esse tratamento é uma das marcas deixadas pelos colonizadores que viam a mulher somente de duas maneiras: para satisfazer seus desejos íntimos e para cuidar do trabalho em suas casas.

Nesse sentido, todos os meios de calar as mulheres e homens são formas de silenciamento que, conforme Orlandi (2007), é um silenciamento que não é estar em silêncio, mas pôr em silêncio. Isto é, são obrigados a silenciar diante de tudo que lhes ferem, sendo subordinados séculos após séculos. Logo, Conceição Evaristo, por meio das narrativas contadas, mostra que é preciso romper esse silêncio e persistir lutando por seus direitos, dado que poder se posicionar é poder exercer seu direito de cidadão.

Nessa conjuntura, Conceição Evaristo, em *Becos da Memória* (2017), mostra uma literatura carregada de solidariedade e empatia ao próximo. Através de sua escrita, ela proporciona um universo de reflexões a respeito do papel afrodescendente na construção identitária do país. Além do mais, a autora permite a fala de pessoas discriminadas, subalternizadas e marginalizadas – falas que ecoam para além das favelas que moram, mas que muitas vezes são silenciadas.

A obra evaristiana nos permite fazer leituras sobre os personagens que são expostos na narrativa, apresentando a trajetória de cada um, uma vez que essa é carregada de traumas e dificuldades. Isto posto, é válido destacar que cada possível leitura passa por momentos que estão ligados à escravização, racismo e marginalização

e que tudo isso contribui de forma significativa na contemporaneidade para a construção das identidades.

Sendo assim, é crucial refletir sobre a sociedade brasileira, assim como sobre os valores e as ideologias que são pregados por muitos, associando o negro somente a suas capacidades físicas, espirituais e sexuais. Pois é sabido que, devido a pensamentos como esses, o colonialismo silenciou na população afrodescendente muito da sua ancestralidade e cultura, colocando-a, por vezes, no lugar de julgamentos, abrindo uma ferida que dificilmente cura, pois sangra constantemente porque nunca foi devidamente tratada.

Referências

ALMEIDA, Silvio. Luiz. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2021.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERREIRA, Yvonélio. Neri. *O silêncio incessante em narrativas de Luiz Vilela*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução: Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Editora 34. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centros de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE BRETON, David. *Do silêncio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MOSQUERA, Sergio Antônio. *La trata negreira y la esclavización: uma perspectiva histórico-psicológica*. Apidama ediciones. Bogotá, marzo de 2017.

NASCIMENTO, Abdias. do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1978.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. E-book.

PYNSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 21. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em 20/05/2023

Aceito em 15/06/2023